

## 4

### “NEGOCIAÇÕES NOSSAS DE CADA DIA”

Toda interação humana envolve habilidade de afetar e ser afetado pelo comportamento do outro. Essa é uma característica social básica do ser humano que revela o fenômeno inconsciente de que todos nós temos de controlar e sermos controlados. O poder de controle, portanto, é relacional e é aprendido ao longo da vida nas mais variadas situações. Conscientes ou não do poder que exercemos uns sobre os outros, vivemos influenciando e sendo influenciados e aprendemos, com o tempo, algumas estratégias de controle que são mais eficazes do que outras na tentativa de obter aquilo que desejamos. Por estratégias de controle, entendemos “as formas de um agente social levar uma pessoa a pensar, sentir ou agir de um modo que nem sempre partiria espontaneamente dela” (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2000). Nessas interações, uma das conseqüências pode ser a subjetiva satisfação experimentada pelas pessoas envolvidas no relacionamento e, para Corrales (1975), talvez não haja conseqüências mais reais do que no relacionamento conjugal. Na visão desse autor, o casamento na sociedade ocidental é a via pela qual a maioria das pessoas espera se satisfazer emocionalmente.

De maneira geral, o processo de negociação é problemático para todos os casais, mas pode ser, especialmente, mais difícil para casais novos, que trazem seus valores e vivências de suas famílias de origem e precisam criar novas regras, para aquele terceiro núcleo que se forma. Corrales (1975) aponta para o fato de que é um período crucial do entendimento da felicidade conjugal, porque, ao mesmo tempo em que muitos casais falam sobre o alto grau de satisfação no início da vida a dois, muitos outros também se divorciam nessa época. Negociar decisões, persuadir, influenciar, comunicar frustrações são habilidades importantes na medição da satisfação conjugal.

## 4.1

### Comunicação e satisfação conjugais

De acordo com McGoldrick (1995), o casamento requer que as duas pessoas renegociem juntas uma série de questões que definiram previamente para si em termos individuais ou que foram definidas por suas famílias de origem. Algumas questões são bem práticas e dizem respeito ao cotidiano, outras são de ordem afetiva e envolvem tradições, rituais e expectativas aprendidas nas famílias de origem de cada cônjuge. Cada membro do casal traz consigo valores, crenças, comportamentos e sentimentos vividos em suas primeiras relações afetivas, quando crianças. Por isso, segundo Andolfi (2002), é muito importante, para conhecer um casal e compreender a dinâmica de seu relacionamento, identificar seu contexto social e suas relações significativas com as famílias de origem. Afinal, considerar apenas o casal seria partir do princípio de que o indivíduo só pertence a um sistema até o momento do casamento.

Bowen (1998) também compartilha dessa visão, ao mencionar que tanto a herança, quanto a experiência, estão na base dos comportamentos e das capacidades que cada pessoa traz para dentro do casamento. Em estudos experimentais (Kelly & Conley, 1989, citados por Andolfi, 2002), resultados apontam para a estabilidade psicológica e a proximidade afetiva experimentada em suas famílias de origem como influentes no grau de satisfação da relação conjugal. O autor ainda comenta sobre outros estudos (Wambolt, 1989, citado por Andolfi, 2002), que destacam a satisfação dos parceiros estando ligadas ao grau de expressividade comunicativa que possuem no interior de suas famílias de origem.

Segundo Pincus & Dare (1981), os casamentos variam muito, mas o grau de satisfação que os casais procuram e a estabilidade que eles podem alcançar “dependem, paradoxalmente, da flexibilidade com a qual cada um responde às suas mútuas e variadas necessidades”. É, por isso, que Nichilo (1995) nos chama a atenção para a existência de dois casamentos em toda união conjugal: o casamento dele e o dela, que, nem sempre, são coincidentes. As expectativas e necessidades de cada um são experiências vividas e trazidas de longa data (de suas famílias de origem, como mencionamos acima) e, diante dessas expectativas, cada um vivencia aquilo que percebe da relação. Para Pincus & Dare (1981), toda relação

entre duas pessoas, sejam elas amigas, colegas de trabalho, parentes etc., envolve expectativas, sendo o casamento o campo mais fértil, onde tais expectativas são mais intensas em relação ao outro. Segundo Laing (citado por Pincus, 1981), “cada parceiro luta para encontrar no outro, ou induz o outro a tornar-se a própria incorporação daquele, cuja cooperação é requerida como um complemento de identidade que ele se sente compelido a sustentar”.

No trecho:

“Eu tentarei ser algumas das coisas mais importantes que você quer de mim, ainda que algumas delas sejam impossíveis, contraditórias e loucas, desde que você seja para mim algumas das coisas impossíveis, contraditórias e loucas que eu quero que você seja. Não precisamos contar um ao outro o que estas coisas são, mas ficaremos zangados, aborrecidos ou deprimidos se não formos fiéis a isso”,

Pincus & Dare (1981) traduzem de maneira brilhante o grau de insatisfação que um casal pode sentir com aquilo que fica mais invisível das expectativas de um em relação ao outro, e o conflito que pode ser gerado, sem, nem ao menos, o outro saber por quê. E, ainda, se o padrão de interação do casal é disfuncional, revelar os próprios medos e vazios equivale a manifestar vulnerabilidade. Com isso, muitos casais tendem a evitar cronicamente as tensões (Nichilo, 1995) e, a fim de manter o “mito da concordância”, de acordo com Satir (1980), as pessoas buscam aumentar sua auto-estima no casamento através da negação da diferença, o que pode gerar graves distorções na comunicação.

Existe uma tendência, observada por McGoldrick (1995), dos relacionamentos conjugais, ao longo do tempo, aumentarem a interdependência de seus membros e estes começarem a interpretar, cada vez mais, situações de suas vidas como questões de dentro do casamento. Por exemplo, durante o namoro, se um parceiro fica deprimido, o outro possivelmente não tomará para si a responsabilidade por isso e considera várias outras possíveis causas, o que permite uma posição mais apoiadora e empática. Depois de vários anos de casamento, entretanto, esse parceiro tem uma tendência muito maior de considerar as reações emocionais do outro como um reflexo de suas ações e de sentir-se responsável pela depressão do outro. Uma vez que cada um começa a assumir a responsabilidade pelos sentimentos do outro, a tendência é de que, cada vez mais, áreas do relacionamento fiquem cheias de tensão. Com o passar do tempo, eles evitarão

lidar com mais e mais áreas. Neste caso, menos flexibilidade existirá no casamento e a comunicação do casal ficará difícil nas áreas emocionalmente carregadas. Ainda, segundo a autora, o conteúdo da comunicação pode ficar totalmente camuflado pela necessidade de ambos os parceiros validarem a si mesmos através do outro. Isso pode acabar no absurdo dos membros de um casal passarem o tempo todo fazendo coisas que nenhum deles quer fazer, por pensar que o outro quer que ele faça aquilo daquela maneira.

À luz da teoria de Bowen (1998), um critério forte para a identificação da saúde da família é o conceito de diferenciação do eu. Bowen (1998) é um dos primeiros autores a falar de fusão–diferenciação, chamando a atenção para a associação amorosa como o tipo de relação, em que o sentimento vivido nas primeiras estruturas familiares é reatualizado intensamente e ainda mais reforçado com o nascimento dos filhos. Bowen (1998) preocupa-se em observar e compreender as formas de interação da família e não entendê-las, simplesmente, como uma questão de ação e reação. Ele introduz um novo olhar sobre o sistema: o olhar da interação. Para o autor, a família é um sistema que segue as mesmas leis dos sistemas naturais: toda vez em que há mudanças de posições no interior da família, existe um período de disfuncionalidade, um momento de rupturas. Sua busca seria pelo restabelecimento do relacionamento da família: daí a importância que também atribui à questão da comunicação.

Estudos nessa área (Allen & cols., 2001), comparando o grau de satisfação de casais casados pela primeira vez e recasados, observaram diferenças na comunicação conjugal. Os casais recasados destacavam mais direitos iguais em suas novas uniões do que em seus primeiros casamentos. Em especial, as mulheres exigiam e desejavam maior autonomia. Esta busca por autonomia pode estar ligada ao fato de a maioria das mulheres, nessa fase da vida, trabalhar e ser independente financeiramente de seus segundos maridos. Contudo, os autores argumentam que não significa que os casais casados pela primeira vez prezem menos pela autonomia, mas que os que se casam novamente passam a valorizar determinados pontos, provavelmente, falhos em seus primeiros casamentos. Além disso, suas experiências de comunicação com o outro talvez não tenham sido muito boas em suas primeiras relações. A busca por autonomia em recasados, não necessariamente, teve relação com o aumento da comunicação. Pelo contrário, os resultados da referida pesquisa apontaram para uma maior esquivia de conversas

sobre a relação em casais recasados, provavelmente, por ter havido muitas falhas na comunicação em suas primeiras relações. “Discutir a relação”, como é falado no senso comum, nem sempre, quer dizer que os membros de um casal estejam sendo claros e assertivos naquilo que querem melhorar no relacionamento.

Para Watzlawick, Beavin & Jackson (1976), toda comunicação humana – não só a verbal, mas a não-verbal também – é considerada um comportamento. Toda comunicação afeta o comportamento do outro e todo comportamento do outro afeta a comunicação. Para compreendermos a dinâmica de uma relação, então, precisamos entender qual é a função de sua comunicação. O foco de seus estudos está na relação emissor-receptor mediada pela comunicação. Os autores observam que, sempre que um “por quê?” de um padrão de comunicação permanece sem resposta ou obscuro para o observador, a melhor pergunta a se fazer é “para quê?”. Esse objetivo de buscar a função, de buscar o que está alimentando determinado padrão disfuncional de comunicação, é valioso para a compreensão de uma interação. Segundo Satir (1980),

“os seres humanos não seriam capazes de sobreviver sem se comunicar, pois, desde que nascemos, aprendemos a classificar os objetos; temos necessidade de descobrir coisas novas acerca das outras pessoas e acerca da natureza dos relacionamentos; de descobrir quais são os modos aprovados de agir socialmente, ou os modos esperados por outros; qual tipo de comportamentos poderá agradar ou desagradar e por que outras pessoas reagem de uma determinada maneira etc.”

Enfim, estamos o tempo todo buscando compreender as interações humanas, ora solicitando respostas verbais, ora observando comportamentos não-verbais, e o que fica mais visível e palpável das interações é, sem dúvida, a comunicação.

Pelo que vimos no capítulo anterior, a ascensão no status feminino está fortemente correlacionada à instabilidade conjugal<sup>11</sup>. Quando as mulheres se adaptavam, automaticamente, ao seu papel no casamento, a probabilidade de divórcio era muito menor. A “esposa adaptativa”, nomenclatura usada por McGoldrick (1995), não estava preparada para funcionar de modo independente, quer economicamente, quer emocionalmente. Na verdade, ainda, segundo a autora, o fato de ambos os cônjuges serem igualmente bem-sucedidos e

<sup>11</sup> Referente ao conceito de crise no casamento contemporâneo (Jablonski, 1998). Ver capítulo 2.

realizadores parece muito problemático para o casamento atual. McGoldrick diz que é bem difícil, em nossa época, chegar ao ajustamento conjugal, quando estamos tentando conseguir a igualdade dos sexos (em termos educacionais e ocupacionais). Contudo, por mais que a autora tenha em parte razão, já existem estudos que propõem novas possibilidades de pensarmos o casamento hoje. Retomando a idéia de Perlin & Diniz (2005), podemos olhar a realidade atual como uma mudança nas funções do casamento e não como uma falência dele. É preciso avançar na discussão do casamento contemporâneo, pois decretar e comprovar sua impossibilidade não nos ajuda a compreender possíveis formas de comunicação e satisfação conjugais existentes.

## 4.2

### Relações de poder e casamento

A emancipação feminina é, sem dúvida, um movimento da história das mulheres que contribuiu, diretamente, para as inúmeras mudanças ocorridas no casamento contemporâneo. Precipitada por motivações econômicas, sociais e psicológicas, as mulheres revolucionaram o cotidiano da família patriarcal, baseada em valores de dominação masculina e submissão feminina. Ora, para haver um dominador, era necessária a existência de um dominado. Por muitos anos, as mulheres estiveram no lugar daqueles que não tinham muito poder de decisão, segundo é colocado pela maioria dos estudos sobre essa época. Mas o que seria o poder de decisão das mulheres?

Durante muito tempo, se discutiu a estrutura familiar patriarcal com o homem à frente das decisões, por ser o responsável em prover a família, e a mulher submissa a essas decisões, por ficar nos “bastidores”, cuidando dos filhos e da casa. No entanto, Rocha-Coutinho (1994) introduz um olhar diferente sobre essa questão, trazendo à tona um novo paradigma: o do poder de persuasão feminino. A persuasão feminina seria mais sutil e menos forte que a dominação masculina, pois as mulheres tendem a usar abordagens indiretas e mais pessoais para influenciar o outro. Essa é uma idéia que compartilhamos, ao estudarmos o dinheiro da mulher no casamento, pois amplia nosso foco que poderia ser muito reducionista em achar que quem ganha mais é quem terá o maior poder de

decisão. Será? Em um casamento estão envolvidas inúmeras questões emocionais e psicológicas, que não se encerram apenas na questão do dinheiro. Pelo contrário, através dele, se expressam e revelam aspectos invisíveis e sutis das tomadas de decisão dos membros de um casal.

Para começarmos a discutir quais estratégias de persuasão são usadas pelas mulheres em seus casamentos, precisamos rever alguns conceitos da psicologia social, pois, em qualquer interação humana, estão presentes modos diversos de controle e influência, desde um pequeno pedido do cotidiano até grandes decisões. As estratégias de controle vão variar de acordo com a pessoa que as utiliza, com o contexto da interação e expectativas de um que podem ou não legitimar o poder de quem tenta influenciar (Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2000). Segundo Rocha-Coutinho (1994),

“os recursos de que uma pessoa dispõe para exercer de forma mais eficaz o controle sobre alguém podem variar da força física à posse de bens materiais e/ou conhecimentos a outras habilidades específicas. Quanto mais recursos tiver, maiores serão as chances de sucesso no exercício do poder.”

A auto-confiança também influencia no êxito da persuasão, porque, quanto mais confiante, mais firme a pessoa se coloca, conseqüentemente, menos resistência cria no outro. Portanto, as estratégias de controle podem variar de acordo com o sexo do falante e do ouvinte e com o contexto da interação. Mas, quando falamos de estratégias, não necessariamente, queremos dizer que as pessoas têm consciência do que estão fazendo. Algumas respostas que fazem parte do universo masculino e feminino são construídas socialmente, sem que as pessoas, necessariamente, entendam o que as levam a realizar determinados comportamentos. Por exemplo, o homem tende a sentir raiva e se impor mais e a mulher tende a chorar, como forma de amenizar alguma situação. Esta resposta feminina silenciosa pode ser um meio importante de controle da situação que não desafia, mas atinge uma autoridade forte. A cobrança no relacionamento pode ser uma tentativa mais direta, mas, nem sempre, se tem tanta consciência dela. O homem pode cobrar que a mulher seja dedicada a ele, porque ele sustenta financeiramente a casa, se for o caso. O dinheiro no relacionamento pode ser uma fonte infinita de exercício da autoridade, porém, hoje, ele está nas mãos tanto dos homens, quanto das mulheres. A mulher, diferentemente do homem, já tende a

usar da chantagem emocional, uma forma de cobrança bem mais indireta, que leva a outra pessoa a se sentir culpada e responsável por aquele sofrimento (Rocha-Coutinho, 1994).

Entre os membros do casal, muitas estratégias de controle e influência são exercidas nas interações do cotidiano e, atualmente, com homens e mulheres trabalhando e ganhando seu dinheiro, as estratégias se tornam ainda mais sutis para ambos. O argumento dos homens de sustentarem a casa sozinhos já não é mais uma realidade tão comum. Homens e mulheres estão dividindo funções, o que vem exigindo dos casais contemporâneos uma enorme habilidade de negociar decisões.

A literatura aponta para o poder de decisão como um fator muito importante na medição da satisfação conjugal. Em pesquisa realizada na década de 70, Corrales (1975) identificou que uma maior satisfação é encontrada em casais com base de poder mais igualitária, assim como em casais em que o marido é mais dominante. Casais em que a mulher é mais dominante tiveram os índices mais baixos de satisfação. De acordo com Raven, Centers & Rodrigues (1975), dentre os casais de base igualitária, existem aqueles que possuem poder de decisão igual sobre vários aspectos diferentes e aqueles que dividem igualmente os domínios de cada um. Esses dois tipos, que formam a base igualitária do relacionamento, são apontados como casais onde o índice de satisfação conjugal é mais elevado.

Raven & cols. (1975) definiram seis bases de poder que podem auxiliar na compreensão dos resultados acima. São elas: de coerção, de recompensa, de conhecimento, de legitimidade, de referência e de informação. Para analisarmos o poder que uma pessoa (A) tem sobre a outra (B), segundo esse autor, precisamos avaliar como a situação é percebida por B. Em linhas gerais, o poder de coerção acontece, quando B acredita que pode ser punido por A; o de recompensa, quando a expectativa de B é de que A retribuirá no futuro; o de conhecimento, quando B acredita que A tenha um conhecimento superior ao seu; o de legitimidade, quando B se sente obrigado a obedecer A, por ser legítima a sua posição; o de referência, quando B se identifica com A, ou, mesmo, deseja se identificar; e, finalmente, o de informação, quando A traz uma informação para B, capaz de despertá-lo para a importância de mudar alguma coisa. Em um casamento de base igualitária, Raven & cols. (1975) identificaram que as bases de poder que ocorrem com mais

freqüência são as de poder de referência, de conhecimento e de legitimidade. Nessas, os casais se sentem mais satisfeitos. Quando as bases são de coerção ou recompensa, os resultados são de maior insatisfação no casamento.<sup>12</sup>

Jablonski (1998) também cita estudos que comprovam a base igualitária em um casamento como a relação mais satisfatória e complementa, dizendo que em casais onde um domina mais que o outro maiores desavenças acontecem, talvez pelo fato de existir, na base desses conflitos, discordância por regras mais tradicionais. Em outros estudos (Rodrigues, Bystronki & Jablonski, 1989), fica indicada uma certa queda no poder decisório do marido, quando comparados a estudos de décadas atrás, tanto nos EUA, quanto no Brasil. Em sua maioria, a mulher ainda ganha menos que o homem, mas já existem pesquisas que denunciam o declínio da auto-estima masculina em casais, cujo salário feminino supera o masculino (Brennan, Barnett & Gareis, 2001). Como equilibrar todas essas vertentes é a grande questão de todo casal.

Portanto, as divergências de negociação e poder de decisão são aspectos importantes para a medição da satisfação conjugal. Allen & cols. (2001), em pesquisa realizada para comparar o poder de decisão, a autonomia e a comunicação entre casais no primeiro casamento e recasados, observaram em ambos os casos, que os casais que se reconhecem como felizes prezam pelo poder de decisão de ambos os seus membros. Casados e recasados possuem semelhanças também, quanto ao que consideram importante no ajustamento conjugal, que seria uma boa comunicação e a divisão do controle. As diferenças encontradas entre esses dois grupos estavam ligadas à autonomia. Casais casados pela primeira vez tendem a interpretar a autonomia de um dos cônjuges como distância ou falta de compromisso. Já os casais recasados consideram a autonomia fundamental para o relacionamento.

A concordância e a discordância são preditivos para o ajustamento conjugal e algumas pesquisas (Allen & cols., 2001; Gottman & Driver, 2004; Christensen & Shenk, 1991, dentre outras), geralmente, focam no comportamento da comunicação durante o conflito, como discriminativo entre casais felizes e infelizes. Segundo Noller & Fitzpatrick (1994), já na década de 80 nos EUA, as pesquisas começavam a apontar para a importância do estudo sobre o afeto e a

---

<sup>12</sup> Ver pesquisa apresentada por Raven & cols. (1975)

cognição na compreensão da relação entre comunicação e satisfação conjugais, pois estas estariam relacionadas às crenças do casal sobre o casamento. Nessa época, o foco das pesquisas recaiu sobre as habilidades para resolver conflitos, a comunicação natural e o tom afetivo no relacionamento. Na década seguinte, durante os anos 90, Gottman (1998), na esteira dessa tendência, confirmou a importância do estudo da comunicação durante o conflito, ressaltando o conhecimento dos estilos de resolução de conflitos de cada membro do casal como ponto fundamental para a compreensão do sucesso de um casamento. Segundo ele, os tipos de casais diferem em termos das estratégias que usam para exercer o controle, em seus estilos persuasivos, na expressão não-verbal que usam para expressar afeto e intimidade, na estratégia de linguagem que usam para resolverem um conflito e no grau de auto-revelação.

Mais tarde, no início do século XXI, Gottman & Driver (2004), apontaram o uso do afeto positivo durante o conflito como fator essencial para a construção de uma relação saudável. Os autores ainda destacam que o uso de carinho e respeito como afeto positivo é a única forma de um bom prognóstico para um casamento seis anos de união. Em estudos longitudinais sobre satisfação conjugal, o humor e a afetividade estão presentes nos casais felizes, estáveis e com um longo tempo de convivência. Ainda, segundo os autores, esse ponto é muito importante, inclusive, porque as terapias de casal focam, no primeiro momento, em mudanças no modo de comunicação dos membros de um casal.

Enfim, conhecer os estilos de comunicação que ocorrem durante conversas de um casal sobre dinheiro, principalmente, no início do casamento, pode nos ajudar a compreender as bases de poder e influência que estão envolvidas no casamento contemporâneo.